

Metodología, métodos, técnicas

Experiência metodológica:

A etnografia em investigação sobre Comunicação Intercultural de sírios refugiados na região do ABC Paulista (Brasil)

Experiencia metodológica: Etnografía de investigación sobre comunicación intercultural de refugiados sirios en la región Paulista ABC (Brasil)

Methodological Experience: Research Ethnography on Intercultural Communication of Syrian Refugees in the ABC Paulista Region (Brazil)

Esta obra se encuentra bajo una Licencia Creative Commons Atribución-NoComercial-CompartirIgual 4.0 Internacional

Juarez Alexandre da Silva, Priscila F. Perazzo e Karla Y. Covarrubias

Resumo

Esse artigo tem como objetivo discutir a Etnografia como campo teórico-metodológico e sua pertinência para a pesquisa em Ciências Sociais. Apresenta a possibilidade de conjugação dos métodos da Etnografia com o da História Oral. A reflexão desses campos metodológicos possibilita o estudo da Comunicação Intercultural com sírios refugiados nas cidades de Santo André e São Caetano do Sul, na região do ABC Paulista, São Paulo, Brasil. Além do mais,

traz um relato de experiência em primeira pessoa de um dos pesquisadores participantes do campo etnográfico.

Palavras-chave: Etnografia; Pesquisa Participante; Diário de campo; História Oral; Narrativas Oraís de Histórias de Vida

Resumen

Este artículo tiene como objetivo discutir la Etnografía como campo teórico-metodológico y su pertinencia para la investigación en Ciencias Sociales. Se presenta la posibilidad de conjugar dos métodos, la Etnografía y la Historia Oral. La reflexión de estos dos campos metodológicos dan la posibilidad de focalizar la mirada en la Comunicación Intercultural con sirios refugiados en las ciudades de Santo André y São Caetano do Sul, en la región del ABC Paulista, São Paulo, Brasil; en tanto el texto desarrolla además un relato de experiencias en primera persona de uno de los investigadores participante en el campo etnográfico.

Palabras clave: Etnografía; Investigación Participante; Diario de campo; Historia Oral; Narrativas orales de Historias de vida

Abstract

This article aims to discuss ethnography as a theoretical-methodological field and its relevance to social science research. It presents the possibility of combining the methods of ethnography with that of oral history. The reflection of these methodological fields enables the study of Intercultural Communication with Syrian refugees in the cities of Santo André and São Caetano do Sul, in the ABC Paulista region, São Paulo, Brazil. In addition, it provides a first-person experience report from one of the participating researchers in the ethnographic field.

Key Words: Ethnography; Participating Research; Field Journal; Oral History; Oral Narratives of Life Stories

Juarez Alexandre da Silva. Brasileiro. Mestre em Comunicação pelo PP-GCOM-USCS. Dado artigo é recorte da dissertação de mestrado intitulada Comunicação Intercultural, Memória e Identidade: A gestão da presença cultural de sirios refugiados no ABC Paulista de autoria de Juarez Alexandre da Silva (2019).

Priscila F. Perazzo. Brasileira. Doutora em História Social pela FFLCH-USP. Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul – USCS. Responsável pelo Laboratório Hipermídias/USCS e líder do Grupo de Pesquisa CNPq Memórias do ABC: Comunicação, Memória e Cultura. Orientadora da dissertação em questão.

Karla Y. Covarrubias. Mexicana. Doutora em Sociologia pela Universidad Complutense de Madrid (UCM), Espanha. Docente-visitante do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul – USCS. Professora Associada do Laboratório Hiper mídias/USCS. Coorientadora da dissertação em questão.

A imigração árabe no Brasil aconteceu em períodos históricos distintos no país. Segundo Knowlton (1960), as nacionalidades árabes que migravam para esse país da América do Sul, foram sírios e libaneses, vindos a partir do ano de 1870.

Inicialmente imigraram por motivos advindos de conflitos religiosos ou políticos, mas também foram em busca de trabalho, sem muitos recursos financeiros. Eram diferentes dos imigrantes europeus que imigraram, na maior parte das vezes, como camponeses e tornaram-se colonos. Com os sírios e libaneses a dinâmica de imigração inicial foi diferente: mudavam-se para as cidades maiores - uma vez que não se tinha em seus países de origem a cultura de colônia – na perspectiva de melhorar de vida (Knowlton, 1960). Sem alternativas e distantes das práticas de suas terras natais, os primeiros imigrantes tornaram-se comerciantes. Para El Kadi (1997), o termo exato, na compreensão atual, seria “mercadores ambulantes” – tendo como papel o de distribuidores de mercadorias. Segundo o autor (1997), imigrantes árabes argumentam desde sempre que “a habilidade para comércio e venda corre em seu sangue”.

De fato, a história do Oriente Médio enquanto região é marcada por comércio e negociação intensa com o mundo todo. Sendo assim, para Pitts Jr. (2006), os sírios inseriram-se no ramo do comércio no contexto do país-destino é chave para o alcance da estabilidade e, eventualmente, o envio de dinheiro para que seus familiares e amigos pudessem migrar também. Ao chegarem no Brasil, passaram a trabalhar nas vendas dos familiares, dos amigos ou dos conterrâneos já estabelecidos.

Tal prática repete-se atualmente, na vinda dos refugiados de origem síria para o Brasil. Ainda que o motivo da imigração hoje seja acentuado por uma guerra civil na Síria, ao optarem imigrar para o Brasil e adotá-lo como país de refúgio, muitos o fizeram cientes dos fluxos migratórios históricos do mundo árabe e na esperança do recontato e ajuda por parte dessa comunidade étnico-cultural aqui já consolidada. Ainda que a unidade e o acolhimento por parte da comunidade já não mais aconteça com a frequência de antes, segundo entrevistas coletadas, o Brasil segue sendo

escolhido como país de refúgio também pela noção de país acolhedor de imigrantes e por suas políticas menos burocráticas que Estados Unidos e países europeus de solicitação de asilo e refúgio (Silva, 2019:22).

Com posição estratégica no Oriente Médio, a Síria passou, desde meados do ano de 2011, por um conflito civil que, além de já ter causado milhares de mortes de civis e destruir quase que por completa a infraestrutura do país, gerou um fluxo de deslocamento de cidadãos sírios para diferentes partes do mundo em busca de refúgio (Andrade, 2011). De preocupação humanitária regional à causa de mobilização internacional, o conflito geopolítico no país árabe remonta aos inúmeros microproblemas que fizeram com que tal cenário eclodisse. De rivalidades e falta de representatividade étnica nos governos Assad às diferenças religiosas internas aos grupos compoendo a nação síria, a crise interna e a manutenção do estado autoritário-repressivo do governo sírio foram as principais razões para o deslocamento dessas pessoas para outros países em busca de refúgio e, entre esses países, está o Brasil (Soares, 2018).

Há no Brasil significativa presença de diferentes grupos étnico-culturais de civis refugiados. A maioria está alocada no sudeste brasileiro, sobretudo no estado de São Paulo. Dentre as diversas etnias e grupos, os sírios foram, até o momento dessa escritura, o de maior número e presença nessa localidade. No intuito de estudar a construção das identidades desses imigrantes e refugiados, por meio de suas narrativas de histórias de vida, procurou-se um processo metodológico de inserção do pesquisador entre os grupos sírios no ABC Paulista, uma região metropolitana que envolve a capital paulista, São Paulo, Brasil. Para tal, fez-se pertinente o trabalho metodológico da Etnografia.

Desse modo, o propósito desse artigo é apresentar a experiência etnográfica desenvolvida nesse estudo sobre comunicação intercultural, memória e identidade de imigrantes sírios nessa região, desde um relato em primeira pessoa de um dos pesquisadores que conviveu com essa pequena comunidade até a discussão sobre a pertinência do campo teórico-metodológico da Etnografia para pesquisas de cultura, nesse caso, no campo da Comunicação, em especial.

A partir do relato de experiência durante a inserção em campo –em primeira pessoa, dadas às implicações humanas nesse universo cultural de um aprendiz tecendo seu próprio caminho reflexivo–, constrói-se a reflexão sobre o fazer etnográfico sobre instrumentos de registro da pesquisa e seus usos técnico-reflexivos. Traz-se, ainda, a conjugação da produção da

História Oral, método que fundamentou entrevistas dentro do processo etnográfico de pesquisa, pois as entrevistas realizadas foram obtidas a partir dos relacionamentos conquistados no campo etnográfico, para se discutir as pertinências da conjugação das duas práticas metodológicas que se dão em condições imbricadas (Silva, 2019:21).

A Etnografia

como campo teórico-metodológico

Pensada como metodologia para pesquisas científicas, especificamente qualitativas e no campo das Ciências Sociais, a Etnografia sustenta-se sobre diferentes pilares. Ainda que existam diferentes noções da representação da Etnografia e seus métodos, nas palavras de Covarrubias (2013), as “ferramentas” da etnografia se originam de um acordo consensual entre as diferentes áreas do conhecimento, da Sociologia à Antropologia, que o campo dos estudos etnográficos busca compreender o mundo pelo olhar dos próprios atores sociais (Covarrubias, 2013). Em síntese, pode-se afirmar que a Etnografia, enquanto campo teórico-metodológico, tem como proposta oferecer aos investigadores das mais diversas áreas científicas possibilidades de pesquisa, no intuito de aprimorar o entendimento das condições, relações e dinâmicas de vida e sociedade (Covarrubias, 2013).

Na Etnografia observam-se os hábitos e modos de determinadas comunidades e grupos étnico-culturais e sociais, nesse caso os sírios refugiados no ABC Paulista. Por meio dessa observação, percebem-se como são conduzidas suas vidas cotidianas no intuito de apontar, descrever e refletir sobre os significados das ações dos atores sociais nesses cotidianos. O objetivo é documentar, por ausência de melhor palavra, “monitorar” e, por fim, encontrar o significado da ação dos outros (Covarrubias, 2013).

Ainda que não se tenha dissertado sobre as categorias da Etnografia previstas por Covarrubias (2013) –descritiva, interpretativa e, sobretudo, interpretativa categorial– é possível notar que estão intrínsecas ao relato da experiência com a pesquisa etnográfica. Seguir tais categorias, ao longo do processo de desenvolvimento do trabalho, foi indispensável para a coleta, interpretação e reflexão sobre os dados. O trajeto a ser percorrido pelas categorias está no próprio ofício, sobretudo nos referenciais teóricos, pois é justamente a partir do conteúdo conceitual que o pesquisador se orienta a enxergar, analisar e entender melhor a realidade social do estudo (Covarrubias, 2013).

No que diz respeito à inserção do pesquisador no contexto estudado, seja este um contexto similar ou diferente do seu, nos desdobramentos desse estudo, sobretudo, em perspectivas culturais, a prática etnográfica é essencial para proceder no estabelecimento das relações com os atores sociais compondo tal contexto, torná-los para além de atores em movimento, por meio da interação, sujeitos “pesquisáveis” (Schütz, 1962).

O interacionismo simbólico é marco de destaque nos estudos etnográficos (Schütz, 1962) e representa, em poucas palavras, o processo entendido como uma negociação contínua que perpassa o vínculo social. Essa questão veio ao centro dessa pesquisa como a interação por parte do pesquisador para com sírios refugiados no ABC Paulista, considerados como sujeitos da pesquisa. Essa interação foi chave para que se criassem os vínculos sociais entre pesquisador e grupo de inserção e que se estabelecessem as relações necessárias para as negociações pertinentes aos processos de socialização, até então implícitas e que se explicitam, sobretudo, em seus discursos (Hall, 2000). Nas palavras de Bauman (2003:17):

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”.

Nesse recorte específico sobre o percurso metodológico da pesquisa, a Etnografia foi concebida e vivida como tendo sido essencial para desenvolvimento e, sobretudo, conclusão de um estudo que propôs em seu núcleo, o encontro entre sujeitos culturalmente distintos. Nele, a Etnografia mostrou-se para além de um campo teórico-metodológico, como “un conjunto de técnicas de investigación que conducen al etnógrafo a participar en la construcción de su conocimiento, a través de una matriz de técnicas de investigación reflexivas como la observación, la conversación y la entrevista” (Covarrubias, 2013:169). Essa possibilidade serviu como escola para aprimorar o entendimento das condições, relações e dinâmicas de vida e sociedade de sírios refugiados nas cidades de Santo André e São Caetano do Sul, no ABC Paulista, pois atçou a capacidade reflexiva do investigador dentro e fora do contexto estudado.

Nos estudos sobre culturas, aponta-se a prática quase que automática das pessoas fazerem comparações entre sua cultura e as alheias. No ato de observar o outro como diferente de si mesmo, são feitas inevitavelmente

as comparações entre as vidas e modos de viver dos Outros, uma vez que o Eu está consolidado em uma realidade sociocultural já configurada (Geertz, 1989). Ainda sobre o ato da prática da comparação, do encontro, familiarizações de diferenciações do Eu para com o Outro, Stuart Hall aponta que “a identidade é sempre vista da perspectiva do outro” (1993:45). Por assim dizer, entende-se que as identidades só podem ser vislumbradas no que têm a dizer sobre si e sobre o outro, portanto, na relação estabelecida a partir da interação com esse Outro (Schütz, 1962).

As identificações são, em partes, responsáveis para que indivíduos semelhantes formem uma comunidade no modelo de Bauman (2003), diferenciando-se das comunidades descritas por Alsina (2012), consideradas frutos da socialização e da interação social, o que nos devolve a linha de discussão de um dos preceitos da Etnografia, o interacionismo.

No que diz respeito à pesquisa de caráter qualitativo, pode-se dizer que por apoiar-se na fenomenologia, na hermenêutica e na heurística, a pesquisa qualitativa possibilita observar a realidade e nela encontrar peso, densidade e, sobretudo, complexidade (Covarrubias, 2013).

A etnografia, como será exposto a seguir, também possui desafios e limitações no que diz respeito a sua prática em estudos como esse. Deve-se saber que o uso da etnografia como metodologia de pesquisa em Ciências Sociais deve ir além do objetivo, cartesiano. A etnografia requer a compreensão de que muitas questões de um contexto ou sujeito investigado só virão à superfície se notados, apontados e descritos pelo etnógrafo.

Ao defender a construção de uma etnografia genuinamente científica em Argonautas do Pacífico Ocidental, Bronislaw Malinowski (1978) apresenta os desafios e limites da empiria, dissertando que a apresentação dos fatos íntimos do cotidiano nativo, traço menos permeado pela objetividade e somente alcançável por intermédio de uma vivência estreita e prolongada com o outro requer aprofundamento. É, segundo o autor (1978), como transformar o verbo em carne e sangue, preenchendo as lacunas com a teoria, mas também com as descrições e interpretações do etnógrafo sobre o abstrato e o não dito da realidade compartilhada entre duas ou mais pessoas.

Por essa razão, é que se traz nesse artigo o passo-a-passo da experiência metodológica com a Etnografia mais o relato em primeira pessoa do pesquisador. Pois, a partir deles, é possível reconhecer as fronteiras que já

não podem ser ultrapassadas somente pela teoria e requerem do etnógrafo, sobretudo, a capacidade de ultrapassá-las.

A limitação ao “etnografar” sobre o Outro está sobre não o conhecer em todas suas fragmentações. Aqui desdobram-se também variadas discussões sobre as responsabilidades éticas do etnógrafo ao adentrar e transitar pelo campo da pesquisa. Pois, assim como se observa, se é observado. Assim como um contexto é transformado com a presença de um autor, as relações entre autor, objeto ou sujeito de pesquisa também mudam.

Como aponta Covarrubias (2013), a etnografia está no campo das ações e dos outros, em seus espaços naturais, ao mesmo tempo em que se encontra no campo reflexivo do investigador. Faz-se etnografia para observar os outros e, para o pesquisador, a capacidade reflexiva surge no processo de observação, quando o autor se percebe em relações dinâmicas com os outros.

Tendo isso em mente, a Etnografia nesse trabalho permitiu explorar e descrever aquilo que parte de um universo cultural em suas estruturas, processos e dinâmicas de e com seus atores sociais.

Registro de pesquisa:

diário de campo, fichas de dados e roteiros de entrevistas

Essa pesquisa apoia-se em Geertz (1989) na reflexão de que considerar cultura como contexto implica em ampliar nosso entendimento para além de uma simples localização geográfica isolada. Para o autor, cultura é forma como as pessoas significam seus mundos a partir de uma rede de signos e símbolos que é formada ao longo de sua história.

Como mencionado em momento anterior desse texto, foram criadas fichas de registro que formaram o diário dessa pesquisa. Com relação às fichas, pensadas e desenvolvidas por Covarrubias (2013) para registro do campo de pesquisa, é possível afirmar que se tornaram, para além de lembretes do trânsito diário de campo, por parte do pesquisador, fontes de dados que foram, sobretudo, complementos aos dados coletados e analisados nas entrevistas de histórias de vida. Três tipos de fichas foram criados: a primeira para registros de visitação e observação, visitas, encontros e práticas para com os sujeitos da pesquisa.

Em seguida, um exemplo da ficha:

Ficha para Registro de Visitação e Observação
Comunicação Intercultural, Memória e Identidade:
 A gestão da presença cultural de sírios refugiados no ABC Paulista

Data de levantamento de dados: 11/09/2018
Nome do local: Cantinho da Síria – Culinária típica Árabe
Endereço completo: R. Oriente, 701. Barcelona, São Caetano do Sul, SP
Data de fundação: 2 anos e meio em serviço (<i>segundo Elaine</i>)
Principais serviços à disposição: Serviços gerais de alimentação com base na culinária Árabe-Síria, do almoço ao jantar, funcionando do meio-dia às 22 todos os dias, com exceção de domingos.
Horário de início e término de visita/encontro e observação: 12:34 – 14:34
<p>Descrição do lugar: O restaurante pode ser avistado com facilidade. Primeiro, por estar localizado em uma esquina e, segundo, pelas cores chamativas de sua decoração. Em tons de preto, branco, marrom e laranja, notam-se as paredes do estabelecimento e, junto ao logo, caligrafias típicas árabes. Pelo vidro, é possível notar clientes sentados às mesas, almoçando.</p> <p>O <i>Cantinho da Síria</i> é pequeno, mas muito bem organizado, aproveitando o espaço à disposição. A experiência começa desde o atendimento, muito antes de ser servido o pedido. A principal atendente é brasileira, Elaine, que recebe os pedidos em português, fala e passa as ordens para os funcionários em inglês, enquanto eles comunicam-se em árabe entre si na cozinha aberta e no balcão do caixa.</p> <p>Por possuir uma abertura para passagem dos pedidos e louças devolvidas após às refeições, por um balcão de mármore preto, é possível ouvir sentir diferentes aromas - todos muito bons. Os funcionários lá parecem trabalhar quase que em sintonia, um em cada posto.</p> <p>O restaurante é bem frequentado e sua clientela parece ser um misto de árabes e descendentes habitantes da região (ABC) e outros.</p>

Outra ficha foi utilizada para anotações de conversas e relatos dos sujeitos da pesquisa não registrados em áudio. Exemplo a seguir:

Comunicação Intercultural, Memória e Identidade:

A gestão da presença cultural de sírios refugiados no ABC Paulista

Data de levantamento de dados: 11/09/2018
Nome do local: Cantinho da Síria – Culinária típica Árabe
Endereço completo: R. Oriente, 701. Barcelona, São Caetano do Sul, SP
Horário de início e término de visita/encontro e observação: 12:34 – 14:34
Sujeitos presentes: Elaine Vidal de Rossi (<i>brasileira, dona e principal atendente</i>), Badri Lutfi (<i>sírio, esposo de Elaine, dono e gerente</i>), Moisés Bitar, Mahmoud Almaradni (<i>sírios, cozinheiros e garçons</i>) e clientes.
<p>Análise pessoal: Minha experiência no restaurante árabe <i>Cantinho da Síria</i> se iniciou logo com meu pedido. Para almoçar, pedi dois pratos diferentes quais nunca havia experimentado e, junto deles, um suco de maracujá, mas quem diria que um suco de maracujá iniciaria uma conversa que durou duas prazerosas horas! Logo de início, a atendente principal (Elaine) me atendeu e recebeu meu pedido em português, passando-o para os funcionários em inglês que comentavam entre si sobre sabe lá Deus o que em árabe. O restaurante é muito pequenino, mas bem localizado e, durante todo o tempo em que estive lá, não parou de receber clientes um minuto sequer – fora as entregas que fazem por serviço de delivery.</p> <p>Por curiosidade, Elaine me perguntou logo de início porque um jovem como eu estava a pedir um suco ao invés de um refrigerante. Explicando a ela sobre uma reeducação alimentar que optei por fazer pessoalmente, ela puxou o marido (Badri) pela manga de sua camiseta e disse a ele para que ouvisse o que eu tinha a dizer. Quando comecei a explicar sobre minha dieta em inglês, Elaine me interrompeu e disse “<i>Fala com ele em Português mesmo. É bom para ele praticar!</i>” e, então, como pedido, fiz. Seguido esse ocorrido, ela continuou a conversar comigo, que estava sentado muito próximo do balcão onde ela recebe os pedidos por parte dos clientes, e passou a me perguntar sobre minha experiência até o momento, muito simpaticamente, e sobre meu gosto pela culinária árabe. Ciente de que isso poderia vir a servir de ponte para o estender da conversa e para que conhecessem meu propósito, mencionei experiências que tive junto da comunidade armênia que me levaram até a síria em estudos e, interessada, ela já logo passou a falar sobre todos que ali estavam. Badri interferiu confirmando o que eu já sabia por ter pesquisado no período de graduação, que “[...] <i>os sírios ajudaram os armênios muito! Os armênios fugiram para à Síria.</i>”.</p> <p>Por ser brasileira, claro, Elaine se sentiu confortável em compartilhar comigo muito mais do que, talvez, os funcionários sírios estivessem por sequer me conhecerem, mas nossa conversa foi essencial para que eles se sentissem confortáveis a virem até o balcão e, em seguida, até minha mesa para participarem da conversa.</p> <p>Elaine e eu conversamos sobre inúmeros assuntos. Iniciando sobre o uso das diferentes línguas ali, no ambiente de trabalho, e no âmbito familiar de todos eles, ela me disse que todos se esforçam para aprender o português e que, apesar das dificuldades, encontram coincidentemente muitas palavras na língua que foram adotadas do Árabe (<i>açúcar-as-sukkar</i>, alfaiate-<i>al-khayyât</i>, alface-<i>al-khaç</i>, arroz-<i>ar-ruz</i>, etc). Em seguida, comentou sobre um episódio engraçado do marido que, pouco depois de chegar ao Brasil, perguntou a um taxista durante uma corrida o que eram edifícios enquanto apontava para</p>

Elaboração: Juarez Alexandre da Silva. *Ficha para registro de conversas e relatos dos sujeitos* (2018).

E, por último, uma terceira ficha para registro de depoente dos sujeitos sírios dispostos a serem entrevistados com dados essenciais para a criação do que viriam a ser seus roteiros de entrevistas.

Ficha para registro de Depoente

Comunicação Intercultural, Memória e Identidade:
A gestão da presença cultural de sírios refugiados no ABC Paulista

Nome: Badri Lutfi
Idade: 44 anos (1974)
Etnia/nacionalidade: Árabe, sírio
País de origem e cidade natal: Síria, Damasco
Língua materna: Árabe-sírio
Línguas funcionais: Inglês e Português
Formação educacional e acadêmica: Ensino médio completo
Ofício no país de origem: Ourive
Ano de deslocamento: 2014
Tipo de imigração: Solo e, posteriormente, familiar (mãe, irmãos, sobrinho e cães)
Residente em: Santo André, SP, Brasil
Status legal no país: Estrangeiro (RNE)
Profissão atual: Empresário (proprietário do Cantinho da Síria)
Local de trabalho: R. Oriente, 701 - Barcelona, São Caetano do Sul, SP, Brasil

Elaboração: Juarez Alexandre da Silva. *Ficha para registro de depoente* (2018).

Os três tipos de fichas registraram dados em comum, como data, hora, local e sujeitos presentes nos eventos. As fichas de observação, visitas, encontros e práticas tinham como foco, entretanto, a observação dos ambientes, suas características, descrição dos objetos e indivíduos presentes e, por fim, sobre os modos nos quais as visitas aconteceram. Das cores aos aromas, a prática da observação, do uso dos sentidos, conforma-se em estratégia chave para a pesquisa qualitativa. A etnografia mostra-se aqui, outra vez, como sendo uma metodologia de natureza epistêmica, pois “de outra maneira no se puede hacer etnografia desde un escritorio, pues demanda estar en el lugar donde suceden los hechos, en un espacio físico y social” (Covarrubias, 2013:173).

As fichas para anotações de conversas e relatos não registrados em áudio serviram para a reconstrução de narrativas presentes na convivência cotidiana com os sujeitos da pesquisa (Erickson, 1988). O investigador, nesse caso, apropria-se daquilo que ouve, ressignificando para futuras análises e reflexões (*Ibid.*).

Posteriormente, divididos em categorias de colaboradores e entrevistados, sujeitos que optaram por não terem suas entrevistas gravadas e os que se mostraram dispostos a registrarem suas narrativas, as fichas de dados e informações pessoais foram essenciais para a criação do que viriam a ser os roteiros comuns e específicos das entrevistas de Narrativas Oraís de Histórias de Vida (Perazzo, 2015).

Um roteiro comum apresentado por Perazzo (*Ibid.*) e Covarrubias (2013) foi utilizado e, sobre este, trabalharam-se as informações específicas para cada um dos três entrevistados, dando ênfase aos fatos trazidos à luz pela convivência do pesquisador com cada um dos sujeitos.

Os três roteiros criados contêm informações pertinentes à origem e trajetória familiar, infância, juventude e fase adulta. Nos roteiros encontram-se também a busca por eventos históricos vividos pelos entrevistados, a noção de símbolos culturais que, em seus imaginários, representam a cultura síria e a abordagem de questões específicas a cada depoente. A seguir, apresento um exemplo de roteiro:

Roteiro de Entrevista

Comunicação Intercultural, Memória e Identidade:

A gestão da presença cultural de sírios refugiados no ABC Paulista

Badri Loufi

1. Origem e trajetória familiar:

Família de origem (avós, pais, tios e épocas de nascimentos), nascimento na Síria, lugar social da família no país de origem (contado pelas condições de vida de avós e pais).

Família base (pais, irmãos e suas épocas de nascimento), composição familiar, características da família, suas condições de vida, profissões, estilo de vida, etc.

Buscar por elementos de identidade em: hábitos culinários e religiosos da família, escolares próprios e de seus irmãos, vestimentas, grupos de amigos e seus afazeres conjuntos/coletivos e de lazer (*O que significa e representa o narguilé para os sírios? A prática de fumar com o narguilé é mesmo comum na Síria?*).

Papel das mulheres de sua família e que fizeram parte de sua vida.

2. Infância:

Local no qual viveu sua infância, suas atividades diárias, brincadeiras, sobre os estudos, culinária e memórias gastronômicas da infância, religião, amizades e relacionamentos e gostos (leitura, cinema, teatro, dança, música, televisão e/ou rádio).

Experiência de algum episódio histórico presenciado na/pela família.

3. Juventude:

Estudos, trabalho, deslocamentos, namoro, casamento e gostos (leitura, cinema, teatro, dança, música, televisão e/ou rádio).

Experiência de algum episódio histórico presenciado na/pela família.

4. Fase Adulta:

Elaboração: Juarez Alexandre da Silva. *Roteiro de entrevista* (2018).

Ainda que nesse artigo não constem apêndices de todas as fichas completas, preenchidas ou dos rumos de conversa alternativos tomados para além dos roteiros das entrevistas, considerando a não linearidade da memória e relatos de histórias de vida, nota-se que o “casamento” da Etnografia com a História Oral permitiu delinear uma rota metodológica pertinente e apropriada não somente para pesquisas com refugiados sírios, mas qualquer outra comunidade étnico-cultural de interesse de um pesquisador.

Como descreve Galindo (1987) em *Encuentro de Subjetividades*, a Etnografia aqui proporcionou ferramentas de preparo para um encontro com o subjetivo. Tratadas também como centro da pesquisa etnográfica, as entrevistas fizeram-se essenciais para acesso a uma gama significativa de dados. No ato da entrevista, ocorre o encontro de duas personalidades que, ora se observam e, logo, agem em função de suas observações (Galindo, 1987). Para isso entendeu-se importante a inserção etnográfica nesse trabalho até o momento das entrevistas, pois ao pesquisador apresentaram-se logo características de possibilidades e limitações à pesquisa.

O diário de campo, para além dos registros e relatos, mostrou-se também uma exposição da subjetividade do pesquisador. Nele, junto aos dados de pertinência direta ao estudo, foram registrados também os de pertinências indiretas, as sensações e pensamentos do investigador. Dos medos e receios da ida e trânsito em campo até as dúvidas e indecisões para com as interações com os sujeitos, ressalta-se aqui a importância do registro no cotidiano e contexto da pesquisa. A sistematicidade permite ao pesquisador manter critério e rigorosidade – uma vez que, pela Etnografia, o investigador adentra o contexto, torna-se parte dele enquanto ator, mas tem de retirar-se uma vez que necessita analisá-lo de fora.

No diário, registraram-se também as cumplicidades necessárias do investigador para com as pessoas que conhecia, encontrava, interagia e dialogava, considerando as implicações humanas, dos problemas tidos e vividos, possíveis de serem refletidos. O diário de campo é, para além do documento e registro das subjetividades dos sujeitos da pesquisa, uma das formas de observar a própria subjetividade e, ali, notar a pertinência do pesquisador-participante na/da pesquisa.

Assim, a experiência em campo etnográfico nessa pesquisa foi relatada a seguir, com base no diário de campo que se formou pelas fichas apresentadas em trechos anteriores desse texto. Esse relato de experiências de

um dos pesquisadores que conviveu com os sírios, portanto, se dará em primeira pessoa¹ e se constitui em fonte de análise nesse artigo:

A inserção

em campo

Soube desde início, quando decidi pesquisar sobre a comunidade síria no ABC Paulista e, em seguida, ir a campo, que não seria tarefa fácil fazer com que imigrantes, refugiados, instalados há poucos anos no Brasil e, sobretudo, advindos de uma cultura diferente da minha e experiências traumáticas de guerra, confiassem a ponto de sentirem-se confortáveis em falar comigo sobre suas histórias de vida.

Devido a estudos anteriores de História Oral e Memória, cheguei à conclusão que as histórias de vidas são como nossos “tesouros”; riqueza que preservamos como partes de nós mesmos. Sendo assim, imagino metaforicamente que narrar as próprias lembranças é como abrir esse “baú” de tesouros para compartilhá-lo com quem ouve nossas histórias.

A relação entre mim e os sujeitos da pesquisa se deram de maneira gradativa, respeitando os limites expostos nas entrelinhas de suas falas e pela compreensão das maneiras com as quais se relacionam com os outros, que se mostraram, desde o início, diferentes das minhas.

O meu percurso até chegar aos três indivíduos que seriam entrevistados foi longo. Abordar sujeitos já conhecidos, com os quais eu já tinha relações consolidadas, não foi tarefa árdua. Árdua talvez tenha sido a tarefa de contatar os sujeitos sírios sugeridos por essas pessoas já que, para com eles, nenhuma relação existia além do interesse de investigação.

Seguindo as sugestões de amigos e professores, passei por restaurantes, contatei ONGs, visitei mesquitas, assisti cultos. Percorri um caminho pelos quais diferentes refugiados sírios passaram por mim, que poderiam ter sido entrevistados, mas optaram por silenciar.

Por indicação das orientadoras da minha pesquisa, visitei um restaurante no bairro Barcelona, na cidade de São Caetano do Sul, São Paulo, dito ser o estabelecimento de um sírio que se refugiou no Brasil por conta da guerra em seu país e, consigo, trouxe toda sua família.

1. O relato em primeira pessoa está apresentado em itálico a fim de destacá-lo do texto da análise.

Nessa indicação enxerguei a possibilidade de fazer contatos que estivessem dispostos a contribuir para com meu estudo e, assim sendo, fiz minha primeira visita ao restaurante Cantinho da Síria, na cidade de São Caetano do Sul, estado de São Paulo. Dispondo de serviços gerais de alimentação com base na culinária árabe-síria, do almoço ao jantar, funcionando do meio-dia até às dez horas da noite, todos os dias, com exceção de domingos, vi que o restaurante é pequeno, aconchegante, bem decorado e organizado, aproveitando bem o espaço que tem à disposição.

A experiência do cliente no restaurante inicia-se desde o atendimento. Os pedidos são feitos pela clientela e pagos para uma das proprietárias e também gerente, brasileira, casada com o sírio, dono do restaurante.

Em minha primeira visita, pude falar com a moça brasileira, que não economizou em simpatia e procurou conversar comigo do minuto em que entrei ali até ir embora. Dono e funcionário em seu próprio restaurante, o homem sírio de 44 anos falou comigo em seguida e, no mesmo dia, já pude estar em contato também com seu sobrinho e um outro rapaz, tímido, ambos sírios. Esse segundo chamou a atenção por estar sempre quieto e ser apresentado pelos outros colegas de trabalho como muçulmano. Por fim também fiz contato, em dias seguintes, com a irmã do proprietário, 47 anos, também refugiada síria.

Todos os sujeitos que menciono nesse texto colaboraram com conversas cotidianas até diálogos mais elaborados sobre assuntos específicos para a pesquisa e o registro deles foi essencial para a formação do meu diário de pesquisa. Ainda que somente três deles tenham sido selecionados para a entrevista, dando-nos a oportunidade de registrar suas narrativas em áudio, todos com quem pude conversar no restaurante foram importantes para a investigação etnográfica, para o estabelecimento de relações de confiança mútua e para que eu pudesse me sentir como parte desse contexto.

No restaurante, fui bem recebido todas as vezes que visitei, mas as relações foram se estabelecendo e consolidando à medida que minhas visitas se tornaram mais frequentes. Ressalto também que, por ter feito visitas em um ambiente familiar, seguro para eles, o intricar desses relacionamentos mostrou-se menos labiríntico.

Nossas primeiras conversas baseavam-se em assuntos sobre o restaurante e minhas curiosidades culinárias. Após algumas visitas, tratando

de meros assuntos cotidianos, passamos a conversar sobre circunstâncias das vidas de cada um deles de maneira informal, como quem relata para um colega sobre si, sem pretensões. Após boas semanas buscando inserção nesse pequeno universo, diálogos sobre traumas pessoais e saúde mental pós-guerra começaram a ocorrer e sem que assuntos anteriores direcionassem para tais tópicos. Por fim, notei que eu já não era mais considerado um estranho entre eles quando, de surpresa, histórias e práticas de família me foram contadas sem que soubessem que viriam a ser relevantes para essa pesquisa. Isso confirmou-se para mim, sobretudo, quando apresentei a eles cada ponto da proposta e intenção em meu estudo e, em tempo de afugentá-los com extensa explicação, todos mostraram-se solícitos a colaborar enquanto sujeitos entrevistados.

As entrevistas dos sujeitos da pesquisa foram registradas em áudio, em local conhecido dos colaboradores, como ambiente de convívio e, sobretudo, trabalho. O restaurante foi local escolhido para realizar as entrevistas pois era o espaço de trabalho em família dessas pessoas e foi ali onde se mostraram confortáveis e desinibidos para o registro do relato oral.

O processo de ida e trânsito em campo pode ser tarefa árdua para um pesquisador, requer e representa, sobretudo, a superação dos próprios receios, o ultrapassar de limites e, sobretudo, a insistência. O processo de inserção etnográfica, nesse sentido, serviu de plataforma na qual, enquanto pesquisador, pude notar trânsitos não lineares, abordagens e reações não esperadas, mas também as oportunidades do reinventar do planejamento do percurso metodológico de um pesquisador (Covarrubias, 2013). Em outras palavras, se de um jeito não deu certo, porque não tentar de outro?

Foi possível notar, por todo esse trajeto, diferentes questões que, posteriormente, vieram ao centro da reflexão: 1. a vergonha de serem chamados de refugiados pelos próprios sírios por associarem essa condição às questões assistencialistas; 2. as divergências nos posicionamentos com relação ao que se passa na Síria dentro da mesma comunidade e 3. as diferentes práticas entre sírios de diferentes grupos étnico-culturais e religiosos. Assim, transitar em campo foi importante para que eu me deparasse com essas questões e também chegasse, por fim, até três sírios residentes na cidade de Santo André e São Caetano do Sul, que aceitaram conceder entrevistas de História Oral.

Para encerrar esse relato, muito sintético, da minha experiência em campo, acredito que percorrer tal trajeto permitiu, por fim, trazer minhas próprias experiências registradas, sensações e impressões, a serem utilizadas como fontes de dados complementares para a pesquisa. Foram esses os aprendizados que pude trazer das considerações de Covarrubias (Ibid.). Dessa forma, experimentar desse universo cultural sírio, para em seguida analisá-lo, não apenas de forma objetiva e cartesiana, mas percebendo e sentindo sua pulsação reflexivamente, ora dentro, outrora fora do contexto, como pude aprender também na leitura de Erickson (1988).

Da experiência etnográfica à História Oral:

relatos da memória

Como é apresentado na proposta desse artigo, a conjugação de duas metodologias e seus métodos de pesquisa foi chave para inserção no contexto estudado, coleta, análise e apresentação de dados. Tendo tido como foco o estudo da presença cultural de sírios refugiados no ABC Paulista, em São Paulo, Brasil, utilizou-se da perspectiva da Comunicação Intercultural pensada por Miguel Rodrigo Alsina (2012) como mediadora ao longo do processo, para conhecer mais sobre esses sujeitos, suas histórias de vida, como chegam ao ABC Paulista e se tornam moradores das cidades de Santo André e São Caetano do Sul (Covarrubias, 2013; Perazzo, 2015).

Dos registros em diários à inserção em campo, o que veio a seguir foi a possibilidade de se conduzir entrevistas em profundidade, sob o método da História Oral. Esse tipo de entrevista exige a interação entre o pesquisador com o colaborador que, nesse caso, passa a ser considerado um participante ativo dessa investigação, uma vez que esse tipo de entrevista só se torna possível quando pesquisador e colaborador se aproximam de forma confiante e, até mesmo, conivente. Para Jorge Duarte (2008), a principal função da entrevista em profundidade é retratar as experiências vivenciadas por pessoas, grupos ou organizações. Essas entrevistas têm como ponto principal permitir que os sujeitos da pesquisa retomem suas vivências de forma retrospectiva. Nos relatos de histórias de vida, registrados em entrevistas em profundidade, afloraram reflexos da visão individual e da dimensão coletiva daqueles que contavam suas histórias. Ao dar voz aos personagens que não se fariam ouvir, “a história joga luzes nas lembranças objetivadas”, estimulando “o lado esquecido como parte do todo explicativo dos fatos e emoções” (Meihy, 2005:75).

Desse modo, o advento da História Oral, como método de coleta das narrativas, análise de dados e prática de contar histórias, a partir da evocação de lembranças de experiências de vida, pode ser caracterizado como instrumento para a constituição de fontes históricas ou de registros de cultura, como ferramenta para registrar narrativas da vivência social humana (Freitas, 2002). Além do mais, como considera Sônia Maria de Freitas (2002), a História Oral traz de volta a atenção à história do presente, legitimando-a, considerando que a história foi, por longos tempos, pensada como passado.

As Narrativas Oraís de Histórias de Vida, registradas pela técnica da entrevista em profundidade, são constituídas, assim, no bojo das perspectivas do método da História Oral (Perazzo, 2015). São narrativas em que o entrevistado ou o narrador torna-se o indivíduo central do processo de constituição das fontes de dados e tem, sobretudo, a liberdade de narrar como puder, quiser ou lembrar sua história de vida (Meihy, 2005). Cada sujeito e suas vidas sendo únicos e irrepetíveis, bem como cada uma de suas narrativas.

Ciente de que as identidades culturais são de extrema importância para a formação deste estudo, as técnicas advindas das Narrativas Oraís de Histórias de Vida (Perazzo, 2015) aplicadas nas entrevistas com tais sujeitos sírios permitiram obter dados a partir da memória, individual e coletiva, dessa comunidade cultural. A importância das falas dos sujeitos faz sentido quando pensada a partir das leituras de Stuart Hall (2000:109), que considera que o processo de construção da identidade acontece no interior do discurso, por isso precisamos compreender esses processos de construção discursivos a partir dos “locais históricos e institucionais específicos” desses sujeitos que narram.

Considerando que os relatos de vida são instrumentos importantes de preservação e transmissão das heranças identitárias, fazer uso da metodologia da História Oral em contexto de pesquisa etnográfica, fez-se importante, pois narrativas sob formas de registros da oralidade, de episódios das histórias de vidas desses refugiados sírios, apontaram para as reminiscências da memória individual e coletiva desse grupo, permitindo-se tatear o universo cultural no qual essas identidades culturais estão inseridas, fossem esses universos explícitos na lembrança ou guardados no esquecimento.



Recibido: 29 de abril de 2019

Aprobado: 10 de julio de 2019

O silenciamento, prática comum dos refugiados sírios advindos de um cenário traumatizante de guerra em decorrência há anos, pode ser entendido a partir das indicações de Michael Pollak (1989) de que, frente às lembranças traumatizantes, esse silêncio parece se impor e, se pensarmos nesses indivíduos sírios como coletividade, compartilhando de algumas das mesmas lembranças, é compreensível que prefiram guardá-las consigo, sem expô-las. Pode ocorrer também que, ao se absterem de falar, acreditam evitar mal-entendidos sobre as questões que consideram graves, mesmo que reforcem a propensão ao esquecimento dos episódios que lhe confinam ou das pessoas que foram seus algozes. Por isso, as vontades de manterem-se anônimos e silenciarem foram respeitadas como parte de um código intrínseco de ética esperado de um investigador etnógrafo, que lida com as vidas das pessoas.

Ao tornar o próprio ator no contexto no qual estuda, um investigador passa, dessa forma, a produzir seus próprios dados e, na propriedade de suas experiências no campo de investigação, junta-se aos sujeitos da pesquisa. Desse modo a experiência etnográfica possibilitou o estreitamento de relações entre pesquisadores e pesquisados. A confiança e o respeito mútuo permitiram que lembranças pudessem ser narradas, histórias guardadas ou esquecidas pudessem ser resgatadas e que o universo de signos, significados e sentidos dos refugiados sírios no ABC Paulista pudessem ser estudados, conhecidos. Mas, principalmente, que essas pessoas pudessem ser ouvidas e reconhecidas na cena social em que se inserem na comunidade de refúgio. A experiência da pesquisa etnográfica e da História Oral permitiu que se construísse assim uma comunicação intercultural entre sociedade do ABC e seus integrantes sírios refugiados.

Considerações

finais

De forma breve, esse artigo buscou mostrar a Etnografia na prática reflexiva. Ao detalhar as escolhas e conjugações de métodos, permitiu ilustrar do uso das várias possibilidades do campo teórico-metodológico (Covarrubias, 2013).

A Etnografia enriquece a cientificidade por permitir trilhar caminhos para, por meio de dados e de suas respectivas análises, possibilitar as construções epistemológicas, ou seja, as reflexões, significações e ressignificações dos contextos, atores e dinâmicas sociais.

Registra-se, ainda, que a investigação pela etnografia serviu para dar voz a uma minoria étnico-cultural em condição de refúgio no contexto pesquisado pelo caminhar em um universo cultural. Serviu para apontar caminhos que, ora alcançados, tornaram-se gratificantes, mas exigiram dedicação, vigor e rigor. Foi perceber uma conjuntura cultural dentro de outra e, fazê-lo de fora, adentrando-o, ao quase perceber do desaparecimento de suas fronteiras para, por fim, atravessá-las de novo, visando refletir sobre o vivido.

O etnógrafo enquanto observa, também interpreta. Seleciona do contexto que estuda o que há de significativo em relação à elaboração teórica. Cria, recria e continua a expandir um campo teórico-metodológico com seu próprio estudo, mas, sobretudo, com seu exercício prático e reflexivo. Assim sendo, firma-se aqui conveniente vislumbrar estratégias da abordagem etnográfica que combinem duas experiências de imersão, o presente na esfera teórico-conceitual e no campo.

Referências

- Alsina, M. R. (2012). *La comunicación intercultural*. 2. ed. Barcelona: Anthropos.
- Andrade, G. B. de (2011). “A guerra civil síria e a condição dos refugiados: Um antigo problema, ‘reinventado’ pela crueldade de um conflito marcado pela inação da comunidade internacional”, em: *Revista de Estudos Internacionais* (REI), 2, 121-138.
- Bauman, Z. (2003). *Comunidade*. Tradução por Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar.
- Covarrubias, Karla Y. et al. (2013). *Metodología de investigación en Ciencias sociales: Aplicaciones prácticas*. Dirección General de Publicaciones. Colima, Colima, MX: Universidad de Colima. (978-607-9136-78-9).
- Duarte, J. (2008). “Entrevista em profundidade”, em: Duarte, J., Barros, A. (Orgs). *Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação*. (2ª ed.). São Paulo: Atlas, 62- 83.
- El Kadi, N. (1997). *A Migração Druza: Passos e Traços*. Dissertação (Mestrado). Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Belo Horizonte, MG. Fecha de consulta: 11 de marzo de 2019.
- Erickson, Frederik. (1988). “Ethnographic Description”, in: Ammon, U., Dittmar, N.; Mathier, K. (ed.) *An International Handbook of the Science of Language and Society*. v. 2. New York: Walter de Gruyter. 1081-1095.
- Freitas, S. M. de. (2002). *História oral: possibilidades e procedimentos*. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP: Imprensa Oficial do Estado.
- Galindo, J. (1987). “Encuentro de subjetividades, objetividad descubierta. La entrevista como centro de trabajo etnográfico”, en: *Estudios sobre las Culturas*

Contemporâneas [en línea]. ISSN: 1405-2210. Disponible en: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=31610307>> Fecha de consulta: 12 de marzo de 2019.

- Geertz, C. J. (1989). *A interpretação das culturas*. LTC: Rio de Janeiro.
- Hall, S. (1993). “Old and New Identities, Old and New Ethnicities”, in: King, A.D. (Ed.). *Culture Globalization and the World-System*. Londres, LacMilan, Nova York: State University of New York.
- Hall, S. (2000). “Quem precisa de identidade?”. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, en: Silva, T. T.da (Org.); Hall, S.; Woodward, K. *Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Editora Vozes, 103-133, [1996] 2000. Disponible en: <<http://www.culturaegenero.com.br/download/hall.pdf>> Fecha de consulta: 16 de marzo de 2019.
- Knowlton, C. (1960). *Sírios e libaneses: mobilidade social e espacial*. São Paulo: Anhembi.
- Meihy, J. C. S. B. (2005). *Manual de história oral*. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola.
- Malinowski, B. (1922/1978). *Argonautas do Pacífico Ocidental*. Tradução de A.P. Carr & L. A. Cardieri. São Paulo: Abril Cultural.
- Pitts, J. R., M. B. (2006). *Forging Ethnic Identity Through Faith: Religion and the Syrian Lebanese Community in São Paulo*. Master: Vanderbilt University.
- Perazzo, P. F. (2015). “Narrativas Oraís de Histórias de Vida”, in: *Comunicação & Inovação*, [s.l.], v. 16, n. 30, 121-131, 25 fev. Quadrimestral. Universidade Municipal de São Caetano do Sul – USCS. <http://dx.doi.org/10.13037/ci.vol16n30.2754>. Disponible en: <http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/2754/1672> Fecha de consulta: 12 de marzo 2019.
- Pollack, M. (1989). “Memória, esquecimento, silêncio”, in: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 3-15. Disponible en: <http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf> Fecha de consulta: 18 de marzo 2019.
- Schütz, A. et al. (1962). *Collected papers 1. The problem of social reality (Phaenomenologica)*. The Hague: Martinus Nijhoff.
- Soares, J. V. S. (2018). A guerra civil na Síria: atores, interesses e desdobramentos. *Observatório de Conflitos Internacionais*, Marília, v. 5, n. 1, fev. 1-8. Disponible en: <<http://www.marilia.unesp.br/Home/Extensao/observatorio-deconflitosinternacionais/serie---a-guerra-civil-na-siria---atores-interesses-e-desdobramentos.pdf>>. ISSN: 2359-5809 Fecha de consulta: 12 de marzo 2019.
- Silva, J. A. (2019). *Comunicação Intercultural, Memória e Identidade: A gestão da presença cultural e sírios refugiados no ABC Paulista*. 140f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação (USCS), São Caetano do Sul, 2019. Disponible en: <<http://repositorio.uscs.edu.br/bitstream/123456789/1228/2/JUAREZ%20ALEXANDRE%20DA%20SILVA.pdf>> Fecha de consulta: 11 de marzo de 2019.